

CUIDAR EM FIM DE VIDA: PROCESSO DE INTERAÇÃO ENFERMEIRO-DOENTE

# “Mais do que uma investigação, foi uma partilha”

Segundo Paula Sapeta o desenvolvimento dos cuidados paliativos em Portugal é “muito lento” e “não tem equipadas de enfermeiros especializadas”

Inês Monteiro

Há 15 anos que se empenha em conhecer a realidade da área dos cuidados paliativos, Paula Sapeta, docente e diretora da Escola Superior de Saúde de Dr. Lopes Dias (ESALD), do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB), apresentou na semana passada o livro *Cuidar em fim de vida: Processo de Interação Enfermeiro-Doente*. Um livro que retrata um trabalho de pro-



O representante do editor do livro, Paula Sapeta, Carlos Maia e Manuel Lopes

funda investigação desta docente, no meio envolvente dos cuidados paliativos. Toda a entrega pessoal a esta investigação foi feita no Hospital Amato Lusitano (HAL) em Castelo Branco, entre julho de

2007 e março de 2008. Apesar de ser uma investigação com objetivos profissionais, uma vez que serviu como tese para o seu doutoramento, a verdade é que foi “extenuante” no que toca a sentimentos e emoções. “Trabalhar nesta área não é fácil, ter que cuidar de pessoas, da vida de pessoas, exatamente, no fim da vida dessas mesmas pessoas, é muito complicado. Por muito que o enfermeiro tente separar as coisas, a emoção e a sensibilidade fala, por vezes, mais alto”, refere Paula Sapeta.

A docente, que apresentou o seu livro na passada quinta-feira, na presença de Carlos Maia, presidente do IPCB, e do docente Manuel Lopes, seu orientador, recorda os dias que passou no HAL a acompanhar os enfermeiros no trabalho diário que faziam com os doentes. “Recordo uma semana em que deram entrada muitos doentes, cerca de 12 doentes em fim de vida que, efetivamente, passaram dois ou três dias, acabaram todos por morrer. Nessa

semana, lembro-me ainda, devido ao modo como me marcou, acabaram os sacos, de cadáveres”. “É uma situação chocante para quem está fora desta área—aliás, até a mim me chocou”, acrescenta a autora do livro.

Mais do que um trabalho, “esta investigação, esta tese, este trabalho, tornou-se muito pessoal, houve sentimentos que se envolveram, foi uma partilha”, refere.

Segundo Paula Sapeta o desenvolvimento dos cuidados paliativos em Portugal é “muito lento” e “não tem equipas de enfermeiros especializadas”. Cerca de 58 por cento dos doentes crónicos avançados “acabam por morrer nos hospitais”, apresenta a docente.

Uma das conclusões apresentadas no livro *Cuidar em fim de vida: Processo de Interação Enfermeiro-Doente*, aponta para o facto de que as equipas existentes, que trabalham nesta área, são “equipas muito jovens, constituídas por recém-licenciados”. “É muito complicado para estes jovens

que acabam de se formar serem logo atirados para lidar com estes casos. É preciso ter um *know how* (conhecimento) muito elevado”. Trata-se de doentes com pluripatologias, idosos, doentes agudos e crónicos, que não vão sobre-

viver. É muito complicado trabalhar nesta situação, ao nível sentimental”, destacou.

Segundo Paula Sapeta, foi possível chegar a uma conclusão, no que toca à interação enfermeiro-doente em cuidados paliativos: “encontrei três níveis de interação: um, onde poucos enfermeiros estão, que demonstrou ser um nível de interação muito básico, por intenção, os enfermeiros registam amabilidade perante o paciente, mas não se envolvem; um segundo nível, onde há mais enfermeiros incluídos, onde a além da amabilidade, há uma relação de entrega gradual, ou seja, há envolvimento, mas ainda limitado; numa terceira fase, inserem-se cerca de 11 a 12 de um total de 28 enfermeiros que acompanhei, que estabelecem com o doente uma relação de proximidade, por vezes tratam o doente por amigo, concentram-se na pessoa e não na doença, cria-se uma aliança terapêutica”.

## Carlos Maia aposta na qualificação dos docentes

O presidente do IPCB, Carlos Maia, não deixou de lançar largos elogios a Paula Sapeta, frisando que “é este o caminho que o IPCB traçou para os seus docentes: apoiar na sua qualificação”. Segundo Carlos Maia, desde 2009 que o IPCB já “investiu cerca de 200 mil euros no apoio à qualificação” do corpo docente deste instituto.

O presidente do IPCB aproveitou ainda a oportunidade para referir que recentemente o Instituto viu aprovado um projeto de apoio à qualificação do

corpo não docente. “Apesar das restrições orçamentais que temos vindo a ter, não descuramos aquilo que deve ser a qualificação quer dos docentes, quer do pessoal não docente. A qualidade é algo que queremos continuar a perseguir e a ter para oferecer”, sublinhou Carlos Maia.

Com um orçamento reduzido em menos de um milhão e 400 mil euros “haverá este ano, certamente, alguns estrangulamentos”, destacou Carlos Maia.

## “Não é um livro fácil de ler”, diz Manuel Lopes

Também ele investigador na área da problemática da saúde dos idosos, sendo o diretor do Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias da Saúde, localizado em Évora, Manuel Lopes, foi o orientador da tese de doutoramento de Paula Sapeta. “Este livro teoriza aquilo que é, no fundo, o cuidar humano, mostra a

sociedade aquilo que é o trabalho do enfermeiro, neste caso, o cuidar no fim da vida”, destacou.

“É um livro que fala não de salvar vidas, mas de preservar a vida das pessoas que estão no seu fim de vida, daí ser um livro fascinante, muito bem escrito, mas que não é fácil de ser lido”, referiu ainda Manuel

Lopes, durante a apresentação.

O investigador aponta este livro como um “ótimo manual para estudantes de enfermagem”. “É, sem dúvida, um livro que a ciência moderna deve ter como referência”.

Manuel Lopes vê em Paula Sapeta uma “excelente investigadora, com

provas já dadas, e muito respeitada entre os seus pares”, motivo que o levou, perante Carlos Maia, a referir que “seria uma pena esta investigadora não continuar a desenvolver as suas capacidades de investigação. Uma pessoa como ela não pode ficar agarrada à gestão”, rematou.